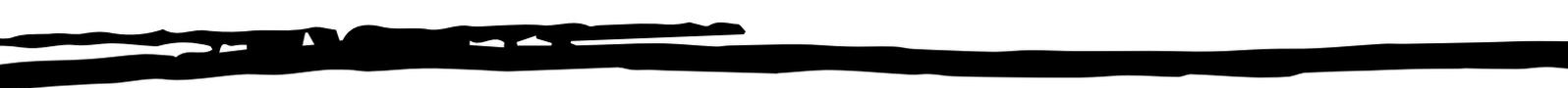


LIVE



Apresentação da revista *Laje*:

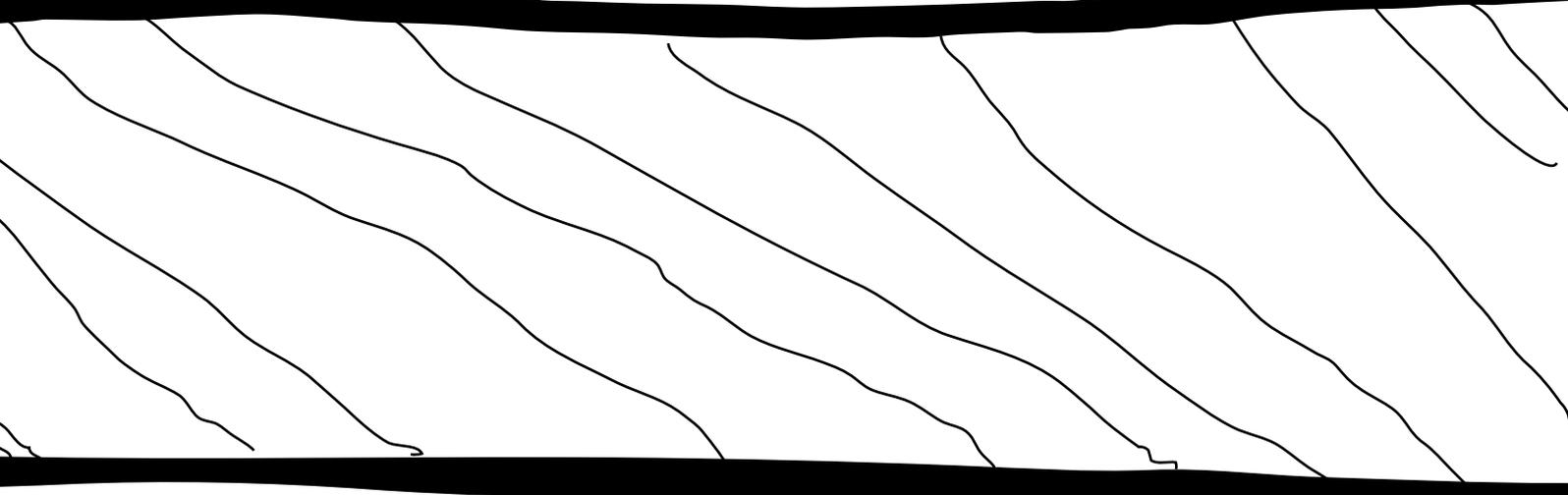
**ou quando um grupo de
pesquisa decide tomar as
rédeas de sua própria
produção de conhecimento**

Leo Name

Líder do ¡DALE!, PPG-AU / FAUFBA

Tereza Spyer

Vice-Líder do ¡DALE!, PPGICAL / UNILA, PPGHIS / UNILA



Este texto tem como tarefa apresentar a revista *Laje*, de que a leitora ou o leitor tem o primeiríssimo número diante de si. Tal periódico resulta de inúmeros esforços das pesquisadoras e dos pesquisadores do grupo de pesquisa Decolonizar a América Latina e seus Espaços (iDALE!), que lideramos. Criado e cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, em 2016, e inicialmente sediado no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (CAU UNILA), em Foz do Iguaçu, no Paraná, o iDALE! migrou, em 2021, para a Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA) e seu Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPG-AU/FAUFBA), em Salvador.

Como seu nome indica, o iDALE! tem o giro decolonial em seu foco. Tal debate emergiu no Brasil somente nos últimos anos, mas no restante da América Latina, no Caribe e nos Estados Unidos tem projeção desde a década de 1990. Posto que, por aqui, "decolonial" é um termo da moda que, parece-nos, vem sendo crescentemente esvaziado de sentido, convém esmiuçar o que em nosso grupo de pesquisa consideramos como potências e contradições desta abordagem.

Avaliamos, por um lado, que o giro decolonial é uma continuidade a um vasto legado de debates críticos conduzidos por intelectualidades latino-americanas e caribenhas, como a teoria da dependência, a pedagogia do oprimido, a filosofia e a teologia da libertação, os estudos da negritude e, no campo de arquitetura e urbanismo, até mesmo o regionalismo crítico. Por outro, que necessariamente mantém diálogo com outras abordagens, policardiniais, que lhe são contemporâneas ou que o antecederam, como os escritos anticoloniais, pós-coloniais e contracoloniais, os estudos subalternos, a ecologia política, os diferentes feminismos não brancos e as epistemologias do sul, por exemplo (GROSGUÉL, [2000] 2013; ARAVECCHIA-BOTAS, 2018; FARRÉS [2016] 2020; NAME, 2021).

No entanto, de modo sumário se pode dizer que a singularidade do enfoque decolonial está na sua capacidade de organizar e sintetizar tantos debates distintos, mas convergentes, em torno do conceito de colonialidade. Anibal Quijano (1992; 1999; 2000) o definiu como uma ordem diferencial hierárquica baseada na ideia de "raça", cuja racionalidade específica é o eurocentrismo. Para o sociólogo peruano, a colonialidade organiza tempos e culturas, povos, "raças" e comunidades do mundo, tanto do passado como do presente, em um metarrelato no qual a sociedade industrial branco-burguesa é o ápice de todo o processo. Assim, o que em cada contexto geo-histórico é entendido como distinto da branquitude é concebido não só como inferior e bárbaro, mas também como anterior, de um estágio primitivo

ou de uma "tradição" a ser deixada para trás. Por outras palavras, a colonialidade não se refere a quaisquer opressões: a "raça" – que é invenção, mas que opera hierarquias, subalternidades e toda sorte de violências –, é seu cerne. Assim, pensamos que não há abordagem decolonial sem que a dimensão racial esteja em cena.

Somam-se a esse debate fulcral da colonialidade outros dois. Um deles, sobre a naturalização do eurocentrismo, racista e patriarcal, inerente a uma modernidade concebida como desdobramento da invasão das Américas, tem sido conduzido pelo filósofo argentino Enrique Dussel (2000; 2018). O outro, presente em textos como os do semiólogo também argentino Walter Mignolo ([1999] 2015a; [2013] 2015b), volta-se ao desvelamento da lógica perversa por trás de uma geopolítica do conhecimento, ancorada no racismo epistêmico, que apresenta os saberes norte-atlânticos, eurocentrados, como aplicáveis a quaisquer tempos e lugares; e que, ao mesmo tempo, subalterniza, expropria e descarta formas-outras de conhecimento (não modernas e/ou normalmente racializadas fora da branquitude) – o que torna urgente a disputa em torno da concepção, da produção, da partilha e da circulação de saberes.

Há que destacar, porém, talvez por sua literatura fundacional ser primordialmente de intelectuais da crítica literária, da filosofia e da sociologia, que o giro decolonial é bastante desatento às dimensões espaciais também muito presentes na produção de colonialidades (ESCOBAR; VERÍSSIMO, 2020; FARRÉS; CUNHA; NAME, 2020; GUTIÉRREZ; NAME; CUNHA, 2020; MOASSAB; RUGERI; FREITEZ; NAME, 2020; NAME, 2021) – que, por óbvio, são de interesse do iDALE!. Seus escritos também dão mais centralidade à análise de questões, conflitos e cosmologias relacionados a grupos indígenas – particularmente os andinos, haja vista a projeção político-acadêmica das noções de *buen vivir* e *vivir bien*. Não dão a mesma atenção às dinâmicas afrodiaspóricas e de grupos negros minoritarizados, o que é particularmente problemático nos países onde os legados simbólicos e materiais advindos de matrizes africanas e o racismo estrutural contra afrodescendentes são mais evidentes e com marcas mais permanentes – como é o caso da Colômbia, de Cuba, da República Dominicana, da Venezuela e, evidentemente, do Brasil.

Tal apresentação sobre o giro decolonial nos auxilia na exposição despretensiosa de alguns dos motivos para a criação de nossa revista – dado que mediante sua produção e sua publicação queremos tanto albergar quanto tensionar a abordagem decolonial –, mas houve mais porquês que nos levaram a construir a *Laje*. Voltemos, então, a refletir sobre o iDALE!, contando a história deste grupo que lideramos, e cuja síntese visual está na Linha de Tempo que é a Figura 1.

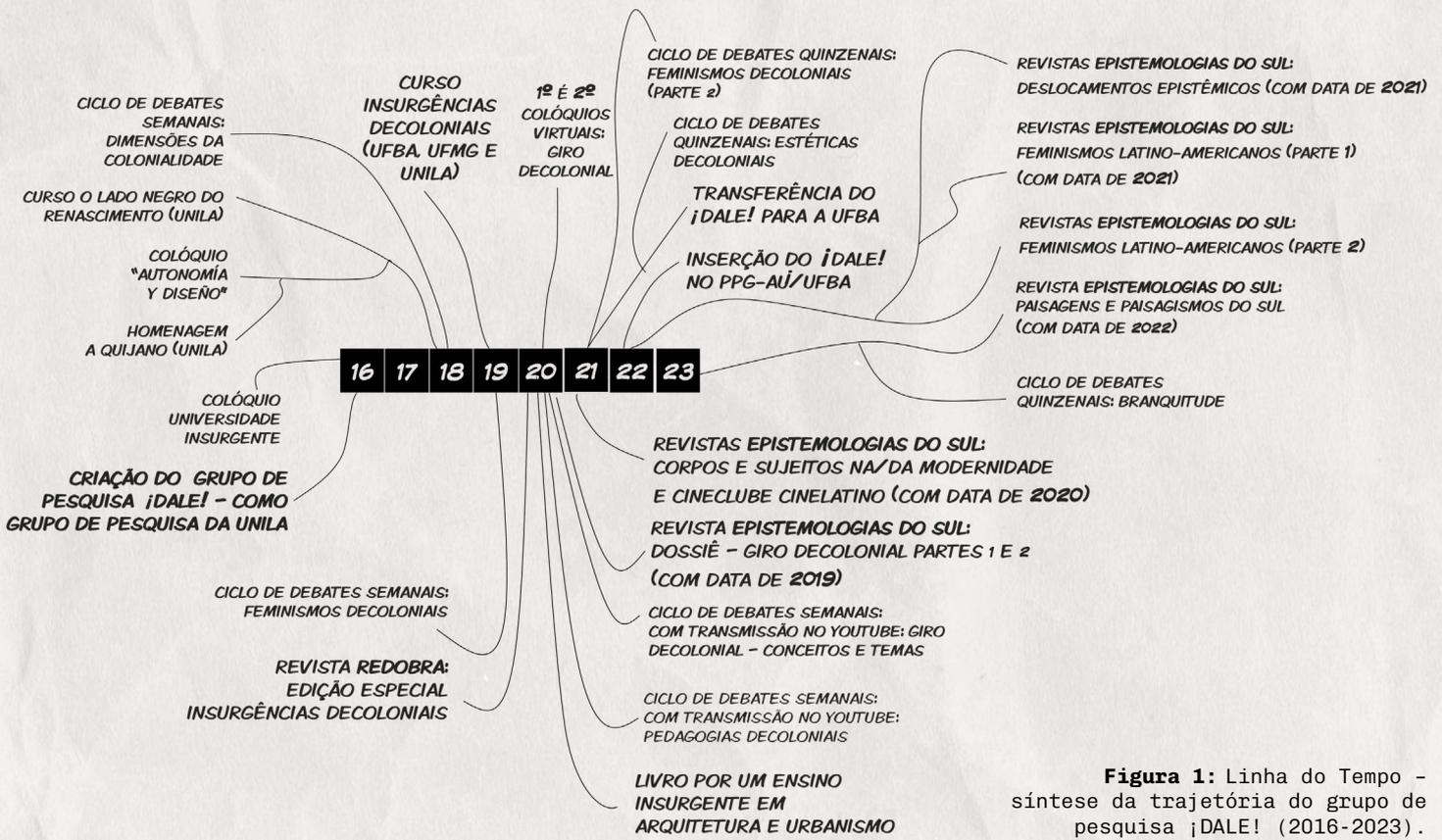


Figura 1: Linha do Tempo - síntese da trajetória do grupo de pesquisa ¡DALE! (2016-2023).
 Fonte: elaboração própria (2023).

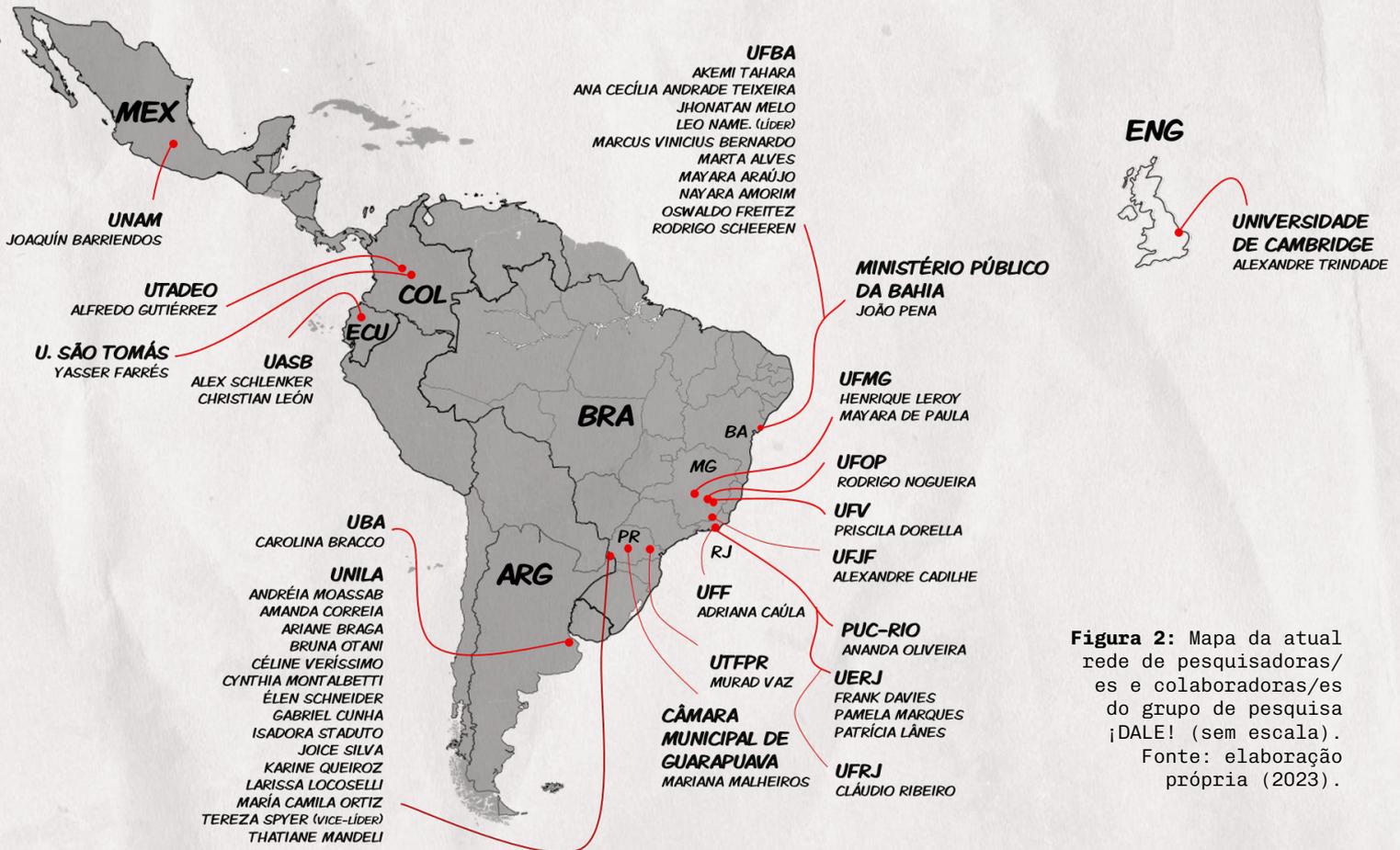


Figura 2: Mapa da atual rede de pesquisadoras/es e colaboradoras/es do grupo de pesquisa ¡DALE! (sem escala).
 Fonte: elaboração própria (2023).

A despeito de sua localização geográfica e institucional e de seu cadastro no Diretório do CNPq na área de Arquitetura e Urbanismo, o iDALE! atua a partir de uma rede transdisciplinar, transterritorial e transinstitucional de intelectuais – ver Figura 2 –, com pesquisadoras e pesquisadores que entrelaçam tal campo a um escopo mais amplo de literaturas, metodologias e pedagogias, particularmente produzidas na América Latina e no Caribe e a seu respeito. Têm como ponto em comum o questionamento dos legados nefastos do colonialismo e do patriarcado racista que se mantêm desenhando dimensões objetivas, subjetivas e intersubjetivas das realidades socioespaciais, uma vez que possuem diferentes graus de interesse voltados à produção de saberes, à formação de quadros e à divulgação científica em torno da decolonialidade. Contam, para isso, com três linhas de pesquisa: *Decolonizar Imagens, Cartografias e Narrativas da América Latina e do Caribe*;¹ *Decolonizar os Ensinos do Espaço e os Espaços de Ensino da América Latina e do Caribe*;² e *Decolonizar Paisagens, Territórios e Corpos da América Latina e do Caribe*.³

Recuando um pouco no tempo, foi a partir de 2018 que integrantes do iDALE! passaram a se reunir presencial e semanalmente em encontros bilíngues (português e espanhol), na UNILA, com vistas ao debate de textos decoloniais. Nesse ínterim, o grupo passou a dar ênfase à formação interna e à divulgação externa dos conhecimentos produzidos, formalizada em um projeto de extensão: iGENIAL! – Formação em Estudos Decoloniais, que objetiva ações relacionadas a temas, autoras e autores, epistemologias e metodologias decoloniais, incluindo cursos, seminários e colóquios presenciais ou on-line, além de publicações.

Um exemplo precursor fora o *Colóquio Universidade Insurgente*, em 2016, ano de criação do grupo. Já no âmbito do iGENIAL!, em 2018, foram realizados o *Colóquio Autonomía y Diseño*, que debateu o livro homônimo de Arturo Escobar (2016), e uma *Homenagem a Quijano*, em ocasião de seu falecimento. Também em 2018, realizou-se uma leitura dirigida de textos sobre as distintas dimensões da colonialidade, aberta a quaisquer interessadas e interessados. Ainda em 2018, outra leitura dirigida, de *El Lado Más Oscuro del Renacimiento*, livro de Mignolo ([1995] 2016), foi organizada na forma de um curso de extensão, sediado na UNILA.

Em 2019, solicitações externas ensejaram a criação coletiva do minicurso *Insurgências Decoloniais: Geopolítica do Conhecimento para Outros Mundos Possíveis*, que foi ministrado em três diferentes cidades e em três diferentes instituições: em Salvador, com apoio da UFBA, mais precisamente dos grupos de pesquisa Laboratório Urbano e Laboratório Coadaptativo, respectivamente liderados por Paola Berenstein Jacques e Fabiana Dultra

Britto; em Belo Horizonte, a convite dos grupos de pesquisa Morar de Outras Maneiras (MOM) e Laboratório Gráfico para Experimentação Arquitetônica (LAGEAR), liderados por Ana Paula Baltazar na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais (EAU-UFMG); e, finalmente, em Foz do Iguaçu, na UNILA.

Tais movimentos em torno da difusão da epistemologia decolonial aumentaram o diálogo do iDALE! com intelectuais e instituições. Assim, no segundo semestre de 2019, o grupo estava bastante ampliado, com pesquisadoras e pesquisadores de diversos lugares. Por conta disso, suas reuniões semanais ou quinzenais, estruturadas em sucessivos ciclos de debates (de 2019 a 2023, com as seguintes temáticas: *Pedagogias Decoloniais; Giro Decolonial: Conceitos e Temas; Feminismos Decoloniais; Estéticas Decoloniais; Branquitude*), passaram a ocorrer de forma remota – antes da pandemia de Covid-19, aliás –, objetivando atender a integrantes em doutoramento ou pós-doutoramento fora da UNILA ou que não pertenciam a essa instituição.

Ao longo de 2020, durante o período de isolamento social, ocorreram transmissões ao vivo desses encontros para uma audiência virtual do canal do grupo no YouTube, tendo em mente uma maior divulgação e possibilidades de tradução do conhecimento desprendidas do modelo de curso presencial: ao todo, foram 32 reuniões on-line.⁴ Também em 2020, de maneira bastante circunstancial, teve início um modo de atuação do iDALE!, talvez hoje o mais evidenciado do grupo, que culminou na criação da *Laje*. A convite do Laboratório Urbano – e como desdobramento do curso ministrado na UFBA e do pós-doutoramento de um de nós –, Leo Name, Tereza Spyer e Gabriel Rodrigues da Cunha organizaram uma edição temática sobre o giro decolonial na revista deste grupo (a *Redobra*, v. 6, n. 15, 2020 – *Edição Temática: Insurgências Decoloniais*). Tal volume contou com traduções de artigos e entrevistas de expoentes do giro: Arturo Escobar (Universidade Duke, EUA), Andréia Moassab (UNILA, Brasil), Alfredo Gutiérrez Borrero (UTADEO, Colômbia) e Yasser Farrés Delgado (Universidade São Tomás, Colômbia); textos inéditos a respeito do giro decolonial e em diálogo com outras epistemologias, assinados por Paola Berenstein Jacques (UFBA, Brasil), Rita Velloso (UFMG, Brasil), Ana Paula Baltazar (UFMG, Brasil), Luciana Andrade (UFRJ, Brasil) e Carolina Bracco (UBA, Argentina); e ensaios tangentes à decolonialidade, em sua maioria de estudantes do Laboratório Urbano.

O material originalmente produzido para o periódico da UFBA, contudo, era muito mais vasto que o publicado. O volume final da *Redobra* precisou descartar uma quantidade significativa de colaborações de pesquisadoras e pesquisadores do Brasil e do exterior. Por isso, a mesma equipe também editorou dois números da revista

Epistemologias do Sul, uma publicação da UNILA coordenada por Marcos de Jesus Oliveira, líder de um grupo de pesquisa com o mesmo nome, a partir da celebração de um acordo que logo se revelou bastante frutífero.

Tais volumes da *Epistemologias do Sul* (v. 3, n. 1, 2019 – *Dossiê: Giro Decolonial – Parte 1: Artes visuais, Arquiteturas e Alteridades*; e v. 3, n. 2, 2019 – *Dossiê: Giro Decolonial – Parte 2: Gênero, Raça, Classe e Geopolítica do Conhecimento*) foram lançados com datas re-troativas, na verdade tendo sido produzidos e publicados no auge da primeira onda de Covid-19. Abrigaram o material excedente da *Redobra* e agregaram outros conteúdos, então reunindo entrevistas, traduções e artigos de nomes destacados, como Zulma Palermo (UNSA, Argentina), Julieta Paredes (Mulheres Criando Comunidade, Bolívia), Joaquín Barriendos (UNAM, México), Alex Schlenker (UASB, Equador), Christian León (UASB, Equador), Andréia Moassab (UNILA, Brasil), Cláudio Rezende Ribeiro (UFRJ, Brasil) e Pedro Paulo Gomes Pereira (UNIFESP, Brasil), entre outras e outros.⁵ É importante destacar que, nessa ocasião, o design gráfico da revista *Epistemologias do Sul* foi totalmente reformulado, uma tarefa a cargo de Oswaldo Freitez (pesquisador do iDALE! e pós-graduando no PPG-AU/FAUFBA), na medida em que se compreendeu que conteúdo visual também é conteúdo epistêmico.

Os dossiês sobre o giro decolonial na *Redobra* e na *Epistemologias do Sul* oportunizaram uma mesa-redonda⁶ e dois colóquios,⁷ com transmissão ao vivo pelo YouTube, que reuniram parte das autoras e dos autores publicados (além de convidadas e convidados). Mais que isso, dado que este tão árduo quanto prazeroso trabalho de formulação, condução e transcrição de entrevistas, traduções, revisões de texto, alguma produção autoral e envio de mensagens a autoras e autores envolveu não somente a editora e os editores dos dossiês, mas também outras e outros integrantes do iDALE!, tal produção fez com que o grupo como um todo compreendesse, por um lado, que o giro decolonial que tanto valoriza também é valorizado por diferentes pessoas e outros grupos; e, por outro, que ainda mais importante é a produção criativa e autônoma de conhecimento.

Dizendo de outro modo: a criação e a organização de propostas, a editoração, o design, a finalização e a publicação de tais dossiês temáticos nestas duas revistas fez com que nos percebêssemos cuidando do nosso próprio conhecimento e do conhecimento de outras e outros que estimamos; e, também, de modo nítido, nos entendêssemos conduzindo geopoliticamente tal conhecimento a contrapelo dos ditames euro e brancocentrados que decidem o que é conhecimento – de editais

de fomento à pesquisa a políticas editoriais e escopos de periódicos, passando por pareceristas que, convenhamos, várias vezes têm premissas e sugestões equivocadas.

Munido deste entendimento, depois de ter sido responsável por dois números na revista *Epistemologias do Sul*, o iDALE! recebeu, em 2021, uma nova proposta de Oliveira: que a parceria fosse estendida, visto que o periódico estava com números atrasados. O resultado foi a produção de seis novos volumes, com diferentes temas, editoras e editores.

O primeiro dessa nova leva está na *Epistemologias do Sul*, v. 4, n. 1, 2020 (*Dossiê: Corpos e Sujeitos da/na Modernidade*). Foi editorado por Oliveira e Spyer e traz um conjunto de artigos sobre a cisão entre sujeito e objeto operada pela tradição epistemológica ocidental ainda hegemônica nas produções acadêmico-científicas.⁸ Os dois volumes seguintes – *Epistemologias do Sul*, v. 4, n. 2, 2020 (*Dossiê: Cineclubes Cinelatino*) e *Epistemologias do Sul*, v. 5, n. 1, 2021 (*Dossiê: Deslocamentos Epistêmicos*) – tiveram menor participação do iDALE!: ambos contaram com a coordenação gráfica de Name e Freitez (também levada a cabo nos números seguintes); e particularmente o primeiro teve Spyer como uma das editoras, com artigos relacionados a um projeto de extensão seu, voltado à exibição de filmes e à ampliação do cineclubismo e do circuito de cinema independente em Foz do Iguaçu e sua região transfronteiriça.⁹

Na sequência, foram publicados dois volumes com a mesma temática: *Epistemologias do Sul*, v. 5, n. 2, 2021 (*Dossiê: Feminismos Latino-Americanos, Ativismos e Insurgências – Parte 1*) e *Epistemologias do Sul*, v. 6, n. 1, 2022 (*Dossiê: Feminismos Latino-Americanos, Ativismos e Insurgências – Parte 2*). Ambos foram editorados por Spyer e as pesquisadoras do iDALE! Ananda Vilela (PUC-Rio), Cynthia Montalbetti (UNILA), Maria Camila Ortiz (UNILA), Mariana Rocha Malheiros (UNILA) e Priscila Dorella (UFV), apresentando-se como espaços de enunciação em/desde/para o Sul de mulheres latino-americanas que, através da escuta dos seus próprios territórios, recuperam e ressignificam as experiências de lutas e resistências, contribuindo aos processos emancipatórios da região.¹⁰

Finalmente, o mais recente dossiê derivado desta parceria entre o iDALE! e a *Epistemologias do Sul* está no v. 6, n. 2, 2022 (*Dossiê: Paisagens e Paisagismos do Sul*). Foi editorado por uma pesquisadora e dois pesquisadores do iDALE! – Name, Rodrigo da Cunha Nogueira (UFOP) e Céline Verissimo (UNILA) – e procurou problematizar tanto as conceituações de paisagem e paisagismo forjadas em meio a ambiguidades, indefinições e binarismos (sociedade/meio ambiente, cultura/natureza, produção/

representação e trabalho/arte, por exemplo) quanto as das variadas digressões sobre o Sul, não menos imprecisas.¹¹

Em meio à tamanha produção de dossiês – cuja síntese visual está na Figura 3, em que se apresentam todas as capas destas publicações –, e pelos motivos epistemológico-autonomistas já elencados, já havíamos decidido, desde 2020, que teríamos nossa própria revista. A partir daquele ano, Veríssimo, João Soares Pena (Ministério Público da Bahia) e Murad Vaz (UTFPR), integrantes do iDALE!, iniciaram os trabalhos rumo ao presente *Dossiê Cidades Africanas*, que inaugura a revista e contará com mais dois volumes. Ao mesmo tempo, outro grupo principiou a editoração de uma antologia de textos decoloniais, traduzidos do espanhol ao português, em dois volumes. Aguardem-na!

A *Laje* é uma publicação do iDALE! de acesso universal livre, ilimitado e imediato a todas as suas publicações, que não estipula uma titulação mínima para a submissão de contribuições. Escolhemos seu nome em referência ao elemento estrutural das autoconstruções em favelas brasileiras, muitas das quais situadas em territórios de antigos quilombos. Além disso, essas lajes resultam de bastante conhecimento acumulado e transmitido no tempo, de trabalho profuso e de muita inteligência orientada ao imprevisto e às necessidades cotidianas – o que o projeto de design da publicação, mais uma vez a cargo de Freitez e equipe, tenta traduzir por elementos gráficos. Lajes também são projetos executados sem a ajuda de especialistas e que desafiam os binarismos de saberes mais hegemônicos e notadamente excludentes sobre a cidade e suas arquiteturas: legal/ilegal, formal/informal, cidade/favela, casa/rua, leigo/experto (FREIRE-MEDEIROS; NAME, 2019).

Chamar de *Laje* nossa revista sinaliza, enfim, ao menos duas de nossas preocupações: espacializar e enegrecer o giro decolonial. Por um lado, entendemos que a imposição militar, política, econômica, social, cultural e pedagógica que foi e tem sido o projeto discriminatório e predatório da modernidade não é algo abstrato, que ocorra tão somente no campo das ideias. Uma vez que a colonialidade se concretiza na ocupação, na transformação e na exploração de diferentes lugares, é pertinente pensá-la em diálogo com os saberes espaciais e sobre o espaço – ao que indubitavelmente se inclui a revisão dos fundamentos epistemológicos da arquitetura, do urbanismo, da paisagem e do planejamento do território, a partir de uma perspectiva decolonial. Por outro lado, uma decolonialidade “à brasileira”, se existe, naturalmente precisa se debruçar sobre os conflitos, as rotas de resistência e, sobretudo, os caminhos de esperança e emancipação dos grupos indígenas, mas também de grupos

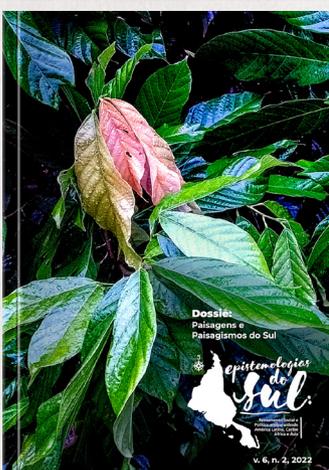
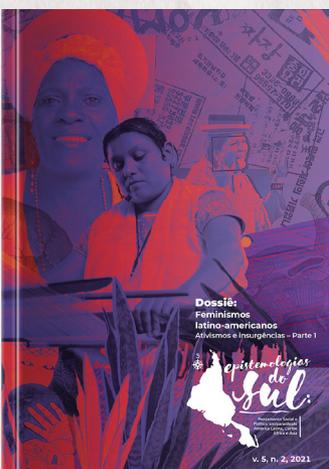
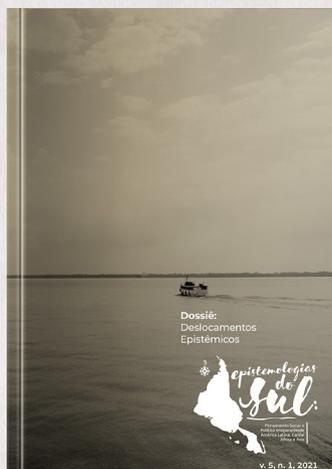
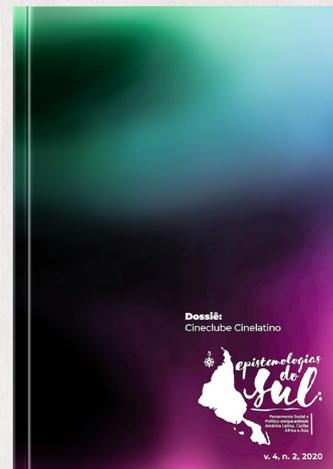
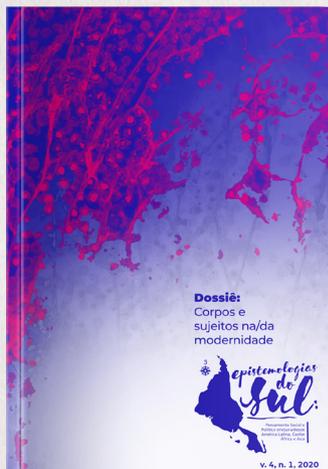
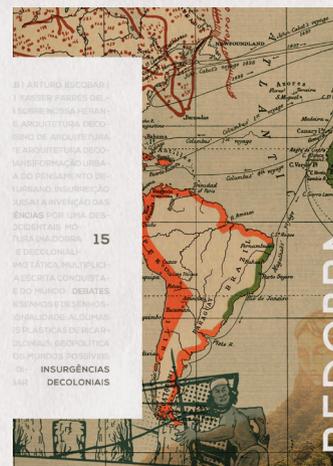
afrodescendentes; além de esmiuçar o papel precursor de intelectuais indígenas, mas também de intelectuais negras e negros na luta anticolonial, antipatriarcal e antirracista. Não por acaso, tais diretivas se fazem presentes neste *Dossiê Cidades Africanas*: o desvio da América Latina e do Caribe à África e à diáspora africana é mais que necessário.

A publicação pretende, portanto, dedicar-se ao giro decolonial latino-americano e caribenho, mas em um sentido ampliado – abarcando a multiplicidade de conhecimentos orientados à descolonização e de variadas localizações epistemológicas, mais ao Sul; e priorizando a produção transdisciplinar em interseção com as questões espaciais que, normalmente ausentes na abordagem decolonial, são caras ao campo de Arquitetura e Urbanismo com o qual a revista pretende promover interseções. Mais especificamente, a *Laje* quer se apresentar como uma radiografia, a cada momento e em cada volume, do estado-da-arte dos debates decoloniais e/ou de abordagens afins; e também – e sobretudo! – das discussões do grupo de pesquisa que a produz em meio a suas redes de colaboração, traduzindo-as a públicos mais amplos. Para isso, conta com um Comitê Editorial que também é transterritorial, transinstitucional e transdisciplinar e pretende priorizar dossiês temáticos em português e/ou espanhol relacionados às diretrizes e à atuação do iDALE!, editorados por equipes do grupo e/ou da revista ou por comissão especialmente designada por convite.

Rumando à finalização deste texto, assinalamos que a *Laje* faz parte da construção metodológica e epistemológica de nosso projeto de grupo de pesquisa. Fincado na divulgação científica e no debate epistemológico, o iDALE! tem como premissa estreitar laços com as comunidades acadêmica e não acadêmica. Uma revista eletrônica de perfil acadêmico propicia um diálogo estreito com as intelectualidades nacionais e internacionais – e, também, mais indiretamente, com movimentos sociais, ciberativistas e pessoas com interesse no giro decolonial. Isso pode tornar possíveis o fortalecimento e a divulgação dos debates sobre temas, perspectivas e problemas relacionados ao giro decolonial, particularmente como têm sido traduzidos nos contextos de pesquisa, extensão e ensino e especialmente nas inúmeras instituições nas quais o iDALE! possui integrantes.

Também destacamos, uma vez mais, que nossa *Laje* foi construída porque em 2020 alcançamos a produção autônoma de nosso próprio material científico a uma condição estratégica. Como já apontou Eduardo Gudynas (2017), “*sin nuestras propias revistas académicas latinoamericanas seríamos mudos*”. Estamos de acordo com este enunciado do teórico ambiental uruguaio, seguido por outras e outros que,

Figura 3: Capas das revistas *Redobra*, *Epistemologias do Sul*, com editoração e/ou participação do ¡DALE!, e da nova revista do grupo, *Laje*.
 Fonte: Oswaldo Freitez (2023).



como nós, percebem o quão crucial tem sido, ao longo de várias décadas, o papel de inúmeras revistas acadêmicas da América Latina e do Caribe no tratamento e no rigor de seus temas específicos e no desenho de epistemologias próprias; e que, por isso, acusam de injustos e imprecisos os sistemas de indexação e os indicadores internacionais que tanto vêm descaracterizando as publicações da região, assim como de não haver nenhuma evidência de que ampliem quantitativa ou qualitativamente o acesso ao conhecimento (FALS BORDA; MORA-OSEJO, 2007; GOULART; CARVALHO, 2008; ALPERIN, 2013; NAME, 2020).

Não sem fundamento se pode dizer, portanto, que as crescentes exigências para que se publique em revistas indexadas, preferencialmente em inglês – quase nunca questionadas, no Brasil, por Capes, CNPq, avaliações de pós-graduações e que tais –, posicionam intelectualidades e periódicos latino-americanos, caribenhos e de várias partes do Sul Global em profunda desvantagem. Além de efeitos de competitividade, há implicações sobre o que se pode escrever e teorizar, na medida em que, por um lado, estimulam – e, em certa medida, determinam – que intelectuais das periferias pesquisem e publiquem sobre temas que, por serem de interesse científico em lugares centrais, não à toa são avalizados por tais sistemas de indexação e indicadores; e que, por outro, e conseqüentemente, reduzem as chances de urgências e emergências singulares de cada lugar ou comunidade específicos ganharem espaço de debate, tornando-as ausentes.

Nossa proposta é outra: queremos ampliar espaços de discussão, traçar rotas novas ou complementares; escrever, pensar, imaginar e publicar de modos-outras; evitar o desperdício de ideias e experiências. Assim, desejamos que a *Laje* e, logo, o *iDALE!*, ao se abrirem a formas-outras de compreensão do mundo acadêmico e do conhecimento, e de como produzir seu próprio conhecimento no mundo acadêmico, possam vir a cumprir um papel insurgente e, quem sabe, transformador.

Por que não?

Referências

- ALPERIN, J. P. Ask not what altmetrics can do for you, but what altmetrics can do for developing countries. **Bulletin of the American Society for Information Science and Technology**, v. 39, n. 4, p. 18-21, 2013.
- ARAVECCHIA-BOTAS, N. O pensamento decolonial: caminhos para o ensino de arquitetura na América Latina. **América**, n. 1, p. 76-81, 2018.
- DUSSEL, E. Europa, modernidad y eurocentrismo In: LANDER, E. (org.). **La colonialidad del saber**. Eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, 2000, p. 41-54.
- DUSSEL, E. ¿Son posibles muchas modernidades? Un diálogo sur-sur. In: LÓPEZ N., V. R. (org.). **De lo poscolonial a la descolonización**. México: Unam, 2018, p. 138-153.
- ESCOBAR, A. **Autonomía y diseño**. La realización de lo comunal. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2016.
- ESCOBAR, A.; VERÍSSIMO, C. Projeto/ar como a cura da vida. **Redobra**, v. 6, n. 15, p. 51-58, 2020.+
- FALS BORDA, O.; MORA-OSEJO, L. La superación del eurocentrismo: enriquecimiento del saber sistémico y endógeno sobre nuestro contexto tropical. **Aquelarre**: Revista del Centro Cultural Universitario, v. 6, n. 11, p. 115-124, 2007.
- FARRÉS D., Y. Arquitectura e decolonialidade: algumas ideias sobre a Escola de Artes Plásticas de Ricardo Porro. **Redobra**, v. 6, n. 15, p. 289-316, (2015) 2020.
- FARRÉS D., Y.; CUNHA, G. R.; NAME, L. Por um diálogo latino-americano sobre colonialidade, arquitetura e urbanismo. **Redobra**, v. 6, n. 15, p. 87-107, 2020.
- FREIRE-MEDEIROS, B.; NAME, L. Epistemologia da laje. **Tempo Social**, v. 31, n. 1, p. 153-172, 2019.
- GOULART, S.; CARVALHO, C. A. O caráter da internacionalização da produção científica e sua acessibilidade restrita. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 12, n. 3, p. 835-853, 2008.
- GROSFUGUEL, R. Desenvolvimentismo, modernidade e teoria da dependência na América Latina. **Revista de Estudos Antiutilitaristas e Pós-Coloniais**, v. 3, n. 2, p. 26-55, (2000) 2013.
- GUDYNAS, E. 2017. Sin nuestras propias revistas académicas latinoamericanas seríamos mudos. **Ecuador Debate**, 100: 45-60., 2017.
- GUTIÉRREZ B., A.; NAME, L.; CUNHA, G. R. Deseños outros: da hegemonia ao giro decolonial e dos desenhos do sul aos “dessocons”. **Redobra**, v. 6, n. 100, p. 45-60, 2017.
- MIGNOLO, W. D. **El lado más oscuro del Renacimiento**. Alfabetización, territorialidad y colonización. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, (1995) 2016.
- MIGNOLO, W. D. Espacios geográficos y localizaciones epistemológicas: la ratio entre la localización geográfica y la subalternización de conocimientos. In: CABALLO, F.; HERRERA R., L. A. (org.) **Habitar la frontera**. Barcelona: Cidob, (1999) 2015a, p. 117-139.
- MIGNOLO, W. D. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento: sobre descolonialidad, pensamiento fronterizo y desobediencia epistémica. In: CABALLO, F.; HERRERA R., L. A. (org.) **Habitar la frontera**. Barcelona: Cidob, (2013) 2015b, p. 173-189.
- MOASSAB, A.; RUGERI, M. R.; FREITEZ C., O.; NAME, L. Arquitectura, género e raça. **Redobra**, v. 6, n. 15, p. 19-50, 2020.
- NAME, L. Why are we writing and speaking in English? Coloniality of academic communication and its uneven mobilities. In: NOGUEIRA, M. A. L.; MORAES, C. M. S. (org.). **Brazilian mobilities**. New York: Routledge, 2020, p. 169-181

NAME, L. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões espaciais básicas em arquitetura. **PósFAUUSP**, v. 28, n. 52, e176627, 2021.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú Indígena**, v. 13, p. 11-29, 1992.

QUIJANO, A. ¡Qué tal raza! **Ecuador Debate**, n. 48, p. 141-151, 1999.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (org.) **La colonialidad del saber**. Eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000, p. 201-246.

Notas

1 Tem por objetivo a análise crítica das representações do Outro Latino-Americano e Caribenho, bem como de seus espaços, nos objetos tecnicamente reprodutíveis da cultura de massa, tais como as obras audiovisuais e literárias, os mapas e as imagens em geral. Busca revelar tanto as narrativas hegemônicas com base nas colonialidades do poder e do ver, suas estratégias de dominação e seus regimes de verdade e visualidade, quanto as narrativas subalternas, marginais e de resistência.

2 Objetiva revelar as colonialidades do poder e do saber que impregnam teorias e práticas ligadas ao ensino e à aprendizagem de disciplinas do espaço, em especial geografia, arquitetura, urbanismo e paisagismo; e que são reproduzidas nos espaços de ensino e aprendizagem latino-americanos e caribenhos, várias vezes sem tradução ou contestação e negligenciando as epistemologias latino-americanas e caribenhas e os saberes e as práticas de grupos minoritarizados.

3 Quer desvelar a colonialidade do poder e as colonialidades territorial e de gênero inerentes à multiplicidade de paisagens, territórios e corpos latino-americanos e caribenhos, com vistas ao enfrentamento das assimetrias de classe, raça, gênero e lugar. Leva em consideração proposições emancipadoras, como a ecologia política, a soberania alimentar, a justiça ambiental, o combate ao racismo ambiental, o buen vivir e os feminismos decoloniais.

4 Todas estas transmissões estão disponíveis no canal no YouTube do grupo: <https://www.youtube.com/channel/UC0xIrsiOSSpz38dkrjdFEFw>.

5 Nos links http://bit.ly/giro_20191 e http://bit.ly/giro_20192, podem ser acessados e baixados os dois volumes da Epistemologias do Sul sobre o giro decolonial, ambos editorados por uma mesma equipe do ¡DALE!.

6 O lançamento de tal edição temática da revista *Redobra* ocorreu no formato de uma mesa-redonda com Yasser Farrés Delgado, Luciana Andrade e Rita Velloso. Para conferir o debate, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=YA1KZyFaWdM&t=1914s>.

7 O lançamento dos supracitados números da revista *Epistemologias do Sul* tomou a forma de um colóquio com diferentes mesas temáticas. No *Colóquio Virtual: Giro Decolonial*, apresentaram-se Fran Rebelatto (UNILA, Brasil), Oswaldo Freitez (UFBA, Brasil), Alex Schlenker (UASB, Equador), Joaquín Barriendos (UNAM, México), Zulma Palermo (UNSA, Argentina), João Soares Pena (Ministério Público da Bahia, Brasil) e Pedro Paulo Gomes Pereira (UNIFESP, Brasil). Houve também, meses depois, o *2º Colóquio Virtual: Giro Decolonial*, também com mesas temáticas e a presença de Ana Paula Alves Ribeiro (UERJ, Brasil), Carolina Bracco (UBA, Argentina), Christian León (UASB, Equador), Alicia Méndez Medina (UASB, República Dominicana), Gabriel Mantelli (USJT, Brasil), Lucía Castillo (àquele momento na UNILA, Colômbia/Brasil), Alfredo Gutiérrez Borrero (UTADEO, Colômbia), Bianca Freire-Medeiros (USP, Brasil) e Leo Name (àquele momento na UNILA, Brasil). Cf. <https://bit.ly/coloquiogiro1> e <https://bit.ly/coloquiogiro2>.

8 Cf. <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/issue/view/203>.

9 Cf. <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/issue/view/222> e <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/issue/view/225>.

10 Cf. <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/issue/view/228> e <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/issue/view/264>. Importa destacar que os números sobre feminismos foram elaborados a partir de tensionamentos e debates de dentro do próprio ¡DALE!, sejam durante as discussões de textos sobre *Feminismos Decoloniais*, das quais uma primeira leva foi realizada em 2019, sejam durante aquelas sobre *Pedagogias Decoloniais* e *Giro Decolonial - Conceitos e Temas* (ambas em 2020) e *Estéticas Decoloniais* (2021). As editoras se valeram principalmente dos questionamentos voltados à produção de/sobre/para mulheres como: onde estão as mulheres, especialmente as mulheres racializadas como não brancas, no giro decolonial? Como raça, gênero, classe e sexualidade se articulam e impactam na dicotomia modernidade/colonialidade? Como pensamos os ativismos, as insurgências e as manifestações de mulheres no Sul Global fora das construções feministas hegemônicas do Norte?

11 Cf. <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/issue/view/227>. Os artigos guiam-se pela ideia de que abordagens sobre paisagens e paisagismos do Sul seriam aquelas capazes de transcender ou se desprender da ditadura do olhar ou do império da geometria, tornando-se encarnadas e localizadas - isto é, situadas em dimensões de gênero, raça, classe, etnicidade e em/desde/para a América Latina, o Caribe, a Ásia e a África.